

R E V I S T A

ISSN 2764-3867

CONHECIMENTO & CIDADANIA

VOL. II | N° 31 - JUNHO 2023

A background image of a densely packed favela, showing numerous small, multi-story brick buildings built on a hillside.

**Os donos
dos morros**

REVISTA

CONHECIMENTO & CIDADANIA

ISSN 2764-3867
Vol. II N.º 29

Leandro Costa - Editor-Chefe
Munique Costa - Editora Adjunta
Pedro Costa - Editor Auxiliar

Produção e Designer

Edson Araujo
Leandro Costa
Munique Costa

Redação

Edson Araujo
Leandro Costa
Munique Costa
Pedro Costa

Colunistas

Edson Araujo
Erika Figueiredo
Juliette Oliveira
Leandro Costa
Mauricio Motta
Neto Curvina

CONHECIMENTO &
CIDADANIA

Com conhecimento se constrói cidadania

O conteúdo desta edição foi produzido por voluntários que autorizaram a publicação de seus trabalhos, não sendo remunerados, sendo-lhes garantida a menção de autoria.

Revista Conhecimento & Cidadania
Vol. II - N.º 31 - Junho de 2023
Rio de Janeiro - RJ
Curso Menezes Costa - CNPJ 28.814.886/0001-26
ISSN 2764-3867

COLUNISTAS

EDSON ARAUJO

Palestrante, estudante de filosofia e teologia.

MAURICIO MOTTA

Professor licenciado em História Pós-graduado em História do Brasil.

LEANDRO COSTA

Servidor público, advogado impedido, professor de Direito, Diretor Acadêmico do projeto Direito nas Escolas e editor-chefe da Revista Conhecimento & Cidadania..

ERIKA FIGUEIREDO

Promotora de Justiça. Escritora, Professora/Palestrante. Colunas Tribuna Diária/Conservador Parahyba.

NETO CURVINA

Ministro do Evangelho, teólogo, escritor e educador

JULIETTE OLIVEIRA

Teóloga, filósofa e engenheira

Os donos dos morros



A primeira coisa que um ser humano deveria fazer ao acordar, é lembrar-se que é somente um ser humano, agradecer a Deus por sua pequena e, ao mesmo tempo, magnífica existência. Olhar a grandeza do mundo, não importa o quão bela ou pavorosa seja sua vista, para contemplar a gigantesca obra da qual é parte, mantendo assim a altivez, sem, contudo, perder a humildade.

A alma humana é um pequeno diamante, valioso e bruto, que merece sim ser lapidado, todavia, não deve, em nenhuma hipótese, ser tratada como mercadoria, pois seu valor é inestimável. Quando afirmo que nossa existência é magnífica, tomo por base a impossibilidade de medir o que significa a vida, o presente nos dado por Deus, por outro lado, ao lembrar de nossa pequenez, precisamos saber que há limites que não nos é facultado ultrapassar, de maneira que, não devemos, não importa o quão sedutor pareça, esquecer de nossa natureza frágil, como algo sem igual, é indispensável lembrarmos que somos parte da criação inspirada mas devemos compreender que todos os outros também são.

Como aquela passagem da cultura pop norte-americana, em que o personagem ficcional Peter Parker, o Homem-Aranha, ouve de seu tio que “grandes poderes trazem grandes responsabilidades”, alertando que aquele que, por qualquer motivo, se colocam em uma condição de poder, devem, acima de tudo, arcar com sua consequência. Prefiro aqui invocar um ensinamento que não sofrera, e não sofrerá, a

Leandro Costa

erosão do tempo, apontando que “Mas aquele que não a conhece e pratica coisas merecedoras de castigo, receberá poucos açoites. A quem muito foi dado, muito será exigido; e a quem muito foi confiado, muito mais será pedido” (Lucas 12:48), restando claro que, na ficção ou na verdade, a premissa de responsabilizar-se por suas ações, e ainda, ser ainda mais responsável quando se tem maior conhecimento, poder ou a confiança é inegável.



Não existe vácuo de poder

Quando se trata de relações humanas, é impossível afastar as relações de poder, posto que, a segunda é consequência inevitável da primeira. Mesmo as alcateias possuem líderes, não seria diferente com um ser mais complexo.

Em uma situação de total solidão não há uma relação de poder, podendo o indivíduo se autodisciplinar, guardando sua fé e criando suas próprias regras, evitando assim que seja reduzido a um estado de selvageria. Conservar sua noção de mundo civilizado [impede que o homem, ainda que só, comporte-se como um animal.](#)

No que respeito à sociedade, é natural que existam relações de interdependência e que vontades entrem em conflito, daí, imperioso que sejam convencionadas regras de coexistência. O direito natural surgirá, como seu próprio nome define, naturalmente, com base na interna concepção de justiça, de moral,

Leandro Costa

de certo e errado, de bem e mal, entre outras premissas que decorrem umas das outras, como uma entrelaçada teia que se liga de forma harmônica.

Se não existe vácuo de poder, é de presumir que, toda vez que não se pode observar a relação de líder e liderado, esta ainda existirá, bem como, toda vez que não decorrer de uma noção natural, será o poder dado por aclamação ou reivindicado por aquele que se achar na condição de exercê-lo, podendo obter sucesso, ou não, em tal intenta. É preciso compreender tais origens das relações de poder e compreender que, em regra, a reivindicada tem maior propensão à usurpação.

Quando a relação humana possui uma estrutura na qual naturalmente o poder está ligado ao espaço em que o seu detentor ocupa, não há como usurpá-lo sem contaminar totalmente a própria relação, logo, não é possível ser um líder ilegítimo de uma relação naturalmente imposta, salvo se a própria relação não existir. Não há como um pai usurpar o poder que tem sobre os filhos, haja vista que, tal relação é naturalmente imposta, logo, se o indivíduo que não é o ocupante do posto de liderança, se coloca em tamanha posição através de uma fraude, fingindo ser o pai de alguém, em verdade, a relação é toda maculada, pois, não é aquele que deveria estar na posição que ocupa. Não há como se subordinar a um falso pai, o que existe a falsa crença acerca e quem é o verdadeiro ocupante daquela posição.

Alguns sugerirão que um padrasto poderia fazê-lo, caso conquiste a admiração e respeito de seu enteado, assumindo assim o papel de um pai, mas tal erro está na origem e não na relação de poder, pelo simples fato de que o poder do padrasto decorre do reconhecimento por parte do enteado, logo, está, em um primeiro momento, na primeira infância adstrito ao poder da mãe, sendo algo reflexo, e, após o reconhecimento da autoridade pelo enteado, na aclamação do mesmo. Não é uma decorrência da natureza, mas o liderado passa a confiar ao líder o poder por acreditar em sua liderança, o que é o chamado poder por aclamação.

O poder de um pai, ainda que usado para o mal, é legítimo e nunca usurpado. O poder por aclamação, que resulta da elevação de um indivíduo à condição de líder pelo reconhecimento dos liderados surge de forma ascendente, de maneira que, os liderados aclamam seu líder que é por eles elevado à tal posto, tal modalidade, só admitirá a usurpação quando há uma circunstância desconhecida por aqueles que delegaram poder ao líder, levando à constatação que, havendo vício na escolha, a aclamação não é legítima pois não se traduz na vontade daqueles que escolheram.

A aclamação viciada seria como uma eleição em que se desconhece a verdadeira natureza do eleito, de forma que, os eleitores foram enganados. Em tal hipótese, havendo ou não o dolo do líder, sua escolha decorre de um erro, de maneira que sua ascensão ao poder é ilegítima.

Leandro Costa

No caso do poder reivindicado, aquele que se considera apto para assumir o papel de liderança, se coloca em posição de ocupar tal posto, sendo ratificada ou rechaçada a sua propositura pelos liderados. No entanto, a reivindicação pode ser feita de forma coercitiva, seja pela ameaça ou pela força, usurpando o poder de forma que os subjugados não tenham alternativas.

Não obstante se o poder foi conquistado de forma natural, por aclamação ou reivindicada, ou mesmo, se é legítimo ou usurpado, sempre poderá ser corrompido pela tirania e transformado em um instrumento maligno. Uma vez que o [detentor do poder não encontre limites](#) em seu caminho, tornar-se-á despótico e descontrolado, infringindo o mal e devastando todos aqueles que estejam ao alcance de suas presas famintas.

A pior das consequências do abuso de poder é a perda da consciência, fazendo com que o déspota se transmute em um tirano que se enxerga como divino, cuja vassalagem daqueles que o alimentam, por ganância ou medo, acaba [encorajando a avançar sempre mais](#).

Não existindo vácuo de poder, é natural que alguém ocupe qualquer posição em vacância transitória, independentemente de como chegou ao posto de liderança. Por outro lado, não importa se a ascensão ao poder se dera de forma legítima, pela fraude ou a usurpação, se decorre de uma relação de liderança natural, aclamada ou reivindicada, sempre haverá hipóteses em que o detentor do poder poderá ficar cego, esquecendo-se dos limites de suas atribuições ou das consequências de suas decisões.

Uma expressão comum, o poder subiu-lhe a cabeça, indica que certo indivíduo foi tomado pela ganância e a soberba, julgando-se mais do que um ser humano comum, uma espécie de “autoendeusamento”, que tornar-se-á ainda mais grave quando tal visão translúcida encontrar eco em adutores. Perdendo a noção de seus limites, aqueles que se consideram semideuses, ou mesmo um deus, tendem a uma postura autoritária descabida, que, somada a adoração dos que precisam de um tirano, ou louco, para fazer cumprir seus anseios, acabam inflando a deturpada autoimagem do detentor do poder, ao ponto de ser a existência ligada ao exercício do poder, logo, o indivíduo torna-se senhor e escravo de sua posição de dominante. Uma vez em tal posição, cada vez mais, o líder, que se tornou um déspota impiedoso, açoita os demais para reafirmar sua soberania.

O morro

A expressão “dono do morro” deve ser compreendida em um contexto, no caso, as favelas da cidade do Rio de Janeiro que são construídas em encostas de morros.



Leandro Costa

O verbete trata de criminosos que impõem suas regras em tais locais, sendo assim, o “morro”, no cotidiano da capital fluminense, e demais cidades que compõe sua região metropolitana, define-se como a comunidade que, relegada pelo poder público, sofre a ingerência dos marginais, não sendo, necessariamente, um acidente geográfico.

As áreas que são consideradas periferia, acabam sendo tratadas como morro, mesmo as favelas planas são, por vezes, assim definidas, bem como, no sentido oposto, não é adotado o termo para um bairro nobre, ou de classe média, em tal acidente geográfico. O importante é frisar que a expressão morro, no jargão carioca é usado para definir as favelas, também chamadas comunidades carentes, ainda que sejam estas em terreno plano.

Por muito tempo se utilizou os termos “morro e asfalto” para distinguir as favelas dos bairros em geral, como de costume, servindo à narrativa revolucionária de segregação, entre oprimidos e opressores, colocando no primeiro espectro os moradores das favelas e no segundo os demais cidadãos, considerados abastados e exploradores. A criminalização da classe média e da riqueza podia ser inculcada no imaginário dos moradores das favelas, pois, as pessoas do asfalto eram seus algozes, ao menos segundo a narrativa revolucionária.

A narrativa se consolida ao justificar que crimes contra os mais ricos, em especial, contra a chamada classe média, talvez o maior alvo da revolução, são meios de trazer equilíbrio às relações entre opressores e oprimidos. [O crime organizado](#), que tem a revolução correndo por suas veias, aproveita-se disso para assumir a postura assistencialista e de governo, impondo uma espécie de soberania paralela, atualmente não tão paralela, aos que vivem nas comunidades carentes.

O morro torna-se um conceito abstrato, uma terra em que impera a lei do mais forte, em que o detentor do poder açoita livremente quem não consegue se opor à sua tirania, por isso, não foi usado o termo “morro” e sim “morros”, tendo em vista, que qualquer ambiente pode se tornar uma terra sob o julgo de um tirano. Os donos dos morros não trata de um indivíduo que domina determinada favela, ou mesmo, de políticas fracassadas, mas de qualquer relação de poder exercida com base em um tirânico abuso e constante intimidação.

Claro que as favelas do Rio de Janeiro se enquadram entre os morros, mas há diversos outros exemplos que podem ser elencados para, de forma ampla, servirem como morros para a proposta que se pretende enfrentar. Assim sendo, uma cidade pode ser considerada um morro com um dono, quando a comparação se dá entre o líder de uma organização criminosa, que exerce o poder de forma desmedida, e um déspota que, dentro daquele outro ambiente, o faça de igual forma.

Leandro Costa

Um bom exemplo é o chamado coronelismo, em que uma região sofria a influência política de um indivíduo que não poderia ser confrontado. O assim chamado coronel, ou melhor, “coroné”, posto que não se tratava de uma patente militar, era o senhor incontestado daquela região e, por vezes, tinha a possibilidade de dobrar os demais cidadãos da localidade por meios legais, tendo o sistema político ao seu serviço, bem como, por meios marginais à lei, por não temer as consequências de suas ações.

Analisando tal premissa, como não constatar que há inúmeros donos dos morros, ou coronéis, espalhados pelo Brasil e pelo mundo. Como negar que o próprio Kim Jong-un é uma espécie de “coroné” da Coreia do Norte e que Nicolás Maduro exerce a mesma função na nossa vizinha Venezuela. Poder-se-ia admitir que os cidadãos de ambos os países, são reféns de seus líderes, como moradores de favelas dos criminosos.

Nos países supracitados não é possível questionar o ditador, aquele que o tentar será solenemente esmagado e, provavelmente, acusado de um crime imaginário ou indescritível, uma mera desculpa para eliminar qualquer voz dissonante.

Em muitos casos há uma figura que pode ser apontada como o “dono do morro”, embora é nítido que tal figura não atue sozinho, pois, mesmo uma “coroné” precisa ter seus jagunços. Contudo, em outros exemplos, é impossível nominar quem ocupa tal posição, não sendo o grupo que exerce a tirania representado por uma personalidade, como facções criminosas ou grupos que acabam tendo uma marca, casos em que, a figura nefasta é ocupada por um ser despersonalizado, que atua por diversas faces e mãos, em que pese, usualmente exista um indivíduo que ocupe, ainda que de forma transitória, o trono dos déspotas.

Um bom exemplo são os partidos de ideologias coletivistas, revolucionários que, ao assumirem o controle expurgam ou eliminam todos aqueles que pode se colocar como obstáculo à sua intentada odiosa, seja um partido comunista, nacional-socialista ou fascista, em verdade, irmãos gerados no útero da revolução, sempre haverá uma tirania exercida por tal elite em razão dos demais, todavia, é comum a ascensão de um de seus membros ao topo da vil organização, como ocorrera com Vladimir Lenin, Adolf Hitler e Benito Mussolini, e, atualmente, acomete a China e outros tantas nações.



O sorriso do tirano

Assim como nem todo herói usa capa, nem todo tirano apresentar-se-á como tal, sempre haverá uma roupagem de falsa bondade, ao menos até que o poder seja tamanho, que não possa ser contrariado. Por tal razão, existe aquele famoso provérbio, “quer conhecer o caráter de um homem, dê-lhe poder”, atribuída, sem confirmação oficial, a Abraham Lincon, 16º Presidente dos Estados Unidos da América.

Muitos chegam ao poder de forma dissimulada, como Adolf Hitler, que, líder do Partido Nazista, ascendeu ao posto de chanceler alemão na República de Weimar, ou seja, assumindo a condição de chefe de governo pelas vias democráticas. Por isso, pode-se dizer que o povo alemão, de uma forma geral, o espiava como um líder legítimo, ao passo que o líder nacional-socialista tomava o poder e aparelhava as instituições.

A República de Weimar foi implodida por indivíduos que buscavam o poder de forma absoluta, sendo, somente depois de envenenada, solapada por tiranos que, ao se revelarem, já não podiam ser destituídos de seus palácios. Por isso, o povo foi desarmado, a Schutzstaffel, conhecida como SS, uma milícia nazista, elevada ao ponto de ter seu próprio exército e absorver outras forças, incluindo a polícia secreta, bem como, foi criado Volksgerichtshof, o Tribunal do Povo, responsável por julgar crimes políticos e traições, dando ar de legitimidade as acusações e punições que os nazistas pretendiam.

Não há como não lembrar do trecho de Eclesiastes 1:9, “nada há de novo debaixo do sol”.

As organizações criminosas mantêm seus próprios tribunais, aplicando sanções conforme sua vontade aos que, por infortúnio, acabam sujeitos aos seus desmandos. Atualmente, muitos são abandonados indefesos e, por isso, jurisdicionados pela soberania desse verdadeiro Estado paralelo, ou não tão paralelo assim.

O dono do morro não teme as consequências de suas ações, uma vez que, estando no topo da cadeia de poder, acreta que todos, inclusive as leis, lhe devem obediência irrestrita, massacrando as vontades daqueles que se encontram sob seu julgo. Seu despotismo o permite desdenhar do sofrimento alheio, fazer pouco-caso das liberdades e proferir ameaças de forma generalizada e constante.

Essa criatura abjeta pisa em seus adversários com um dos pés e em seus vassallos com o outro, como quem se apoia em formigas para pisar em outras. Seu poder está na subserviência dos corruptos, na ignorância dos que preferem não buscar a verdade e na omissão dos covardes.

Mas os donos dos morros possuem uma fraqueza. Por exercerem sua tirania sem limites, acabam por desmoronar quando, aqueles que preferem a paz ao confronto, acabam por perceber que sua tranquilidade nada mais é que uma prisão sem muros. Como diz o refrão de uma música, de uma banda chamada O Rappa, que particularmente não gosto, “paz sem voz, não é paz, é medo”.

Leandro Costa

Os avanços autoritários acabam por ultrapassar limites que, mesmo aos vassalos, são insuperáveis, resultando no despertar forçado de grande parte. Os donos dos morros poderiam sentenciar a morte ou prisão qualquer um que suas mão alcancem, ainda assim, aos interessados em seus feitos, tal mal seria aplaudido, talvez, em um cenário ainda mais tenebroso, exigir o chamado “*jus primae noctis*”, o que, em tese, seria amplamente questionado. O período da [pandemia nos apresentou diversos donos dos morros](#).

Os donos dos morros desdenham da impunidade e se regozizam de suas vítimas, em regra, inocentes, para, muitas vezes, reafirmarem seu poder. Sabem que, quanto mais as pessoas se curvam ante sua tirania, mais podem avançar.

Quando observamos seres que se consideram sagrados e incapazes de renunciar ao poder, estamos diante dos chamados donos dos morros. São fáceis de identificar e difíceis de combater, mas não há mal que dure para sempre, por isso, é necessário perseverar.

Ao final, o mal se autodestruirá.



Comte, a face do anticristianismo tecnocrata.

“Não sou positivista, o positivismo afirma que o que não pode ser observado não existe. Essa concepção é cientificamente indefensável, porque é impossível tornar válidas afirmações sobre o que as pessoas podem, ou não podem, observar. Seria preciso dizer que apenas o que observamos existe, o que é obviamente falso” (Albert Einstein)

"De acordo com esta doutrina fundamental, todas as nossas especulações estão inevitavelmente sujeitas, assim no indivíduo como na espécie, a passar por três estados teóricos diferentes e sucessivos, que podem ser qualificados pelas denominações habituais de teológico, metafísico e positivo, pelo menos para aqueles que tiverem compreendido bem o seu verdadeiro sentido geral. O primeiro estado, embora seja, a princípio, a todos os respeito, indispensável deve ser concebido sempre, de ora em diante, como puramente provisório e preparatório; o segundo, que é, na realidade, apenas a modificação dissolvente do anterior, não comporta mais que um simples destino transitório, para conduzir gradualmente ao terceiro; é neste, único plenamente normal, que consiste, em todos os gêneros, o regime definitivo da razão humana." (Auguste Comte, Discurso Preliminar Sobre o Espírito Positivo).



O joguinho de palavras mequetrefe de Comte consegue disfarçar sua verdadeira intenção diante de um público vaidoso com o que pensa que sabe. Tecnocratas enrustidos, entusiastas da “reserva de domínio intelectual” e, por fim, pasmem, apaixonados pelo socialismo científico, aquele troço que fez do empirismo o palhaço Pennywise. Mas vou deixar essa discussão para análises futuras.

Vou me ater à obsessão que todo tipo de ideologia nascida após a Revolução Francesa em desconstruir a fé identitária do Ocidente Judaico-Cristão. Aliás, Comte era francês e nasceu durante a... Revolução Francesa. Ora, a iconoclastia religiosa é divisa incontestável do progressismo revolucionário.

E assim como Marx elegeu a fé judaico-cristã como a “droga” que deve ser suprimida (termo que ele usou) da sociedade, Comte, por sua vez, se ocupou em tornar o que ele chama de “especulação teológica”, a mais básica, inútil e dispensável ao indivíduo que, segundo ele, deve agir pela razão. Em outras palavras, Comte diagnosticou que quanto mais eu especulo (penso, reflito, discuto, debato, raciocino) tendo como base prioritária a minha fé, mais longe da razão estou. Pensa um pouco, tem ou não tem parentesco com a mesma leva que gerou a doutrina marxista?

Pois é.

Sejam bem-vindos ao positivismo. Mais um inimigo daquilo que é a única razão de ainda existirem sociedades civilizadas no planeta: a fé.

No primeiro capítulo de “Superioridade Mental do Espírito Positivo” (atentem para o título, ele realmente achava que podia definir o que era “mentalmente superior”, mesmo depois de centenas de mentes melhores e maiores do que a dele já terem discorrido sobre isso), capítulo, aliás, que traz em seu título, contraditoriamente, o termo “espírito” (Comte, como Descartes, se apropriava de conceitos que ele considerava supérfluos quando considerava pertinente, pelo menos foi o que denunciou Pascal, de quem não ousou duvidar), em seu primeiro tópico, que ele batiza carinhosamente de “Estado teológico ou fictício”. Sim, é o que você está pensando...

Temos exatamente a mesma estrutura dialética, por exemplo, em “Crítica da Filosofia do Direito de Hegel”, escrita por Karl Marx entre 1843/1844. Assim como Comte, Marx (ou vice-versa), elege o ponto de partida daquilo que sem dúvida é o grande entrave para a implantação de todas as ideologias que surgiram ou foram cristalizadas após a malfadada Revolução Francesa: o cristianismo. Mais especificamente a tradição judaico-cristã. Comte chama a abordagem teológica de “surto” e joga na mesma vala comum a fé ancestral com manifestações fetichistas e astrologia. Obviamente mais um boçal falando do que não entende e distorcendo a própria análise. O que Comte chama de “surto” ou “especulação”, Marx, também na introdução do texto retro citado, fala de elementos da fé ancestral como “realidade fantástica”, “felicidade ilusória” e conclui que para o homem ser verdadeiramente feliz a religião deve ser “suprimida” (palavras dele).

É interessante que Marx advoga o socialismo "científico", enquanto Comte submete todo o seu arcabouço analítico à... "ciência". E desta forma ambos desconstroem cirurgicamente qualquer ingerência da “Lei Natural”, posto que, materialistas que são, não podem aceitar que, para existir uma “Lei Natural”, seria necessário existir um legislador por trás dela. E ao final ambos vendem o que não podem entregar: o céu na terra, porque, obcecados pela "matéria" e alijados de uma vida espiritual sadia, por motivos variados que a biografia de cada um deixa público e notório, eles percebem que suas psicopatias não têm

como sobreviver sem que aquilo que é a raiz transcendental do homem seja extirpado do (in)consciente coletivo da humanidade.

A fé judaico-cristã é um problema para todas as distopias pensadas e pesadelos totalitários sonhados, desde o Império Romano. Infelizmente os homens evitam se perguntar o porquê de tanta perseguição e opressão, porque sabem que as respostas porão abaixo suas convicções materialistas e, com elas, suas decepções existenciais, no que encontram em homens como Comte, Marx, Nietzsche e outros, palavras de conforto para suas noites vazias.

Em ambos os casos - ou em mais do que eles - o fim da linha é um monstro tecnocrata, ateu e preso a “lockdowns”, que uso como metáfora para ilustrar a tal da “ciência”, aquela que se impõe, mas na prática não funciona e, como aquilo que ela subsidia, promete o que não pode entregar. Marx e Comte prometeram entregar um mundo perfeito baseado na superioridade mental de seus sistemas “científicos”. Teve gente que comprou a ideia. O interessante é que os que chegaram ao poder defendendo os conceitos dessa dupla, na maioria das vezes não fez por superioridade mental, mas por superioridade das armas, da agressão, da corrupção e da guerra., sendo que no final o que se quer é enriquecer a elite dominante.

Para quem defende que em mundo real não há ideologia porque no final o que interessa é o lucro, eu pergunto: “E o que eles usam para atingir o intento final?”. Não, não façam isso... Vocês estão mais atrapalhando do que ajudando.

O que mais me preocupa é que tanto Comte como Marx criaram, ao seu modo, “religiões” baseadas em conceitos sofisticados, que supostamente partem de pressupostos legítimos para em seguida dogmatizar o trato social, preenchendo o vazio existencial dos homens como uma fé criada por homens que não valiam o que seus gatos enterravam. Nesses sistemas religiosos, como diz Bobbio, a norma é um comando. Ou vocês acham que a besta fera chamada “Juristocracia” nasceu de chocadeira?

Em suma, mas um lixo ideológico travestido de corrente filosófica, alijado de Deus e daquilo que dá sentido ao mundo. Fico imaginando Platão, de sua cadeira no Hades, dando gargalhadas do que fizeram com sua “República”.

“O positivismo é tão anticristão quanto o marxismo” (Olavo de Carvalho)

Tenho me atido ao “Discurso sobre o Espírito Positivo” por ser a obra de transição entre “Curso de Filosofia Positiva” e “Uma Visão Geral do Positivismo”, duas obras que tratarei na sequência. Até pensei em fazer um minicurso sobre essa bobagem toda, mas estou meio que sem tempo. Enfim, nada muito profundo, até porque são obras rasas, quase panfletárias. Esse “Discurso” aqui, por exemplo, é de uma superficialidade que só encontra eco em “A Origem da Família” de Engels. Mas com o tempo vocês entenderão que tipo de mente o pensamento de Comte atrai. Não são personalidades muito diferentes

daquelas que são atraídas pelo marxismo. De fato, chega até a haver um padrão entre elas. Mas vamos ao texto.

“Na terceira fase teológica, o monoteísmo propriamente dito dá começo ao inevitável declínio da filosofia inicial. Esta, embora conserve por dilatado tempo grande influência social, contudo mais aparente ainda do que real, sofre desde então rápido decréscimo intelectual, como consequência espontânea desta simplificação característica pela qual a razão, unificando os deuses, restringe cada vez mais o domínio anterior da imaginação e permite desenvolver gradualmente o sentimento universal, ainda quase insignificante, da sujeição forçosa de todos os fenômenos naturais a leis invariáveis. Sob formas mui diversas e até radicalmente inconciliáveis, esta fase extrema do regime preliminar persiste ainda, com energia muito desigual, na imensa maioria da raça branca; mas ainda que seja assim mais fácil de ser observada, as próprias preocupações pessoais acarretam hoje um obstáculo muito frequente à sua judiciosa observação, por falta de uma comparação suficientemente racional e justa com as duas fases precedentes.”

Leia com calma. É fácil identificar o alvo. Comte parte de uma análise antropológica da fé, traçando a linha fetichismo - politeísmo - monoteísmo, cometendo o mesmo erro calculado de Engels ao falar das origens das instituições humanas ancestrais: deixando os hebreus de fora da equação, ainda que de forma subliminar. Como é possível traças qualquer tipo de origem civilizada e deixar de fora a crença monoteísta mais antiga do mundo? É possível por dois motivos: ou é necessário que isso seja feito, com o intuito de esvaziar argumentos contrários, ou porque na verdade não se sabe nada do que se está tentando explicar. Suspeito que no caso de Comte, assim como de Engels, sejam as duas coisas: mau caratismo somado a desonestidade intelectual, o que é típico de quem constrói sistemas materialistas que prometem o céu na terra. Mircea Eliade trata disso no magistral "Tratado da História das Religiões", mas ficaria muito extenso aqui, então vou deixar para outra oportunidade.

O monoteísmo é o extremismo praticado por homens brancos e, finalmente ele admite, um obstáculo. Não se iluda, Comte não está mirando TODO o monoteísmo, seu problema é, nos moldes marxistas, a tradição judaico-cristã. Basta observar com um pouquinho de calma, que se verá que tanto o marxismo como o positivismo, de alguma forma, cada um seu modo, alijam o Criador do dia-a-dia do homem, provocam sectarismo étnico, e terminam em um tipo de tecnocracia tocada por gente que, naturalmente, alijada do Criador e sectária por osmose, praticam um tipo estranho de elitismo blasé e prepotente, que as faz pensar que são detentoras de todas as respostas. É só dar uma olhada para toda a classe intelectual parida em ambiente socialista do século XIX pra cá. Rasa, superficial, agnóstica, atea e

Neto Curvina

espiritualmente perturbada, mas sempre num pedestal, se achando o supra sumo da intelligentsia intergaláctica. Isso é marxismo. E é positivismo, também. É só olhar em volta. Continuemos.

Equivocadamente, Comte trata fetichismo - politeísmo - monoteísmo, como uma espécie de evolução. Começa no primeiro, termina no segundo. É claro que ele não desenvolve esse raciocínio porque não tem como. Ele não é minimamente plausível como padrão, e pior, essa ordem já foi alterada em momentos distintos da história. O que ele faz é usar um recurso típico falacioso, que é criar um espantinho para justificar outro. Marx chama aqueles que creem de “drogados”. Comte chama de fundamentalistas preconceituosos. Percebam como das duas acusações, qual está mais presente atualmente nas teorias críticas progressistas. Há muito não me chamam de “dopado” pela religião, mas acusações de sectarismo e fundamentalismo leio todo dia, aqui e ali. Obrigado, gênio.

Me perguntam constantemente o porquê dessa ojeriza organizada e sistemática contra a fé ancestral do ser humano. Eu respondo sempre com outra pergunta: “Por que vocês acham que boa parte da humanidade não só não percebeu isso, com abraçou essas teses?”. É simples.

Assim como geocentrismo e heliocentrismo um dia disputaram lugar central na astronomia humana, o teocentrismo e o antropocentrismo vêm se debatendo subliminarmente no inconsciente coletivo da criação desde sempre. Não é uma história e nem Marx nem Comte a inauguraram. Ela vem de Ninrode, passa pelo Egito, desembarca na Grécia, se espalha pelo Império Romano e naturalmente toma conta do pensamento europeu, Humanismo e Iluminismo nada mais são do que releituras antropocêntrica sofisticadas do que o homem busca desde que as águas do dilúvio baixaram: um vida livre, leve e solta dos ditamos do Criador. O perfil dessa turma é padrão, desde o Faraó até os "elitistas intelectuais" dos dias atuais: não suportam ter que resolver problemas dialéticos com Deus na equação, colocando-o num cantinho à parte da história, quietinho, onde ele, o Criador, não deve se meter em nada, tipo um objeto decorativo, quando não negam filosoficamente a sua existência ou essência como fazem os filósofos germânicos materialistas; colocam toda a sua “fé” na razão humana, desde que esta razão esteja de acordo com suas conveniências. Um dos mais engraçados era Rousseau, um homem atormentado, basta ler, por exemplo, sua “Carta ao Padre Raynal” (é claro), escrita em 1751. Ele esbravejava ao mesmo tempo contra a propriedade privada e contra o que ele chamou de “quimeras da filosofia”. Sua obsessão pela “ciência” é a de aspecto “natural”, mas ele, ao contrário do que reconheceram Pascal, Leibniz e Kierkegaard, finge não ter que explicar que a natureza é algo pré-ordenado desde sempre, para escapar de Deus pela tangente como fez Descartes. Ele diz “Se inteligências celestiais cultivasse as ciências, disso só resultaria o bem”. Ué.

Neto Curvina

Primeiro os homens devem responder às perguntas: “Por que tanto esforço em tirar Deus do lugar que sempre ocupou? Por que Ele incomoda tanto? E por que mesmo quem supostamente crê em suas existência abraça escolas de pensamento que o rejeitam com Senhor do universo?”

O problema está no homem e o que as Escrituras ancestrais falam sua natureza. Essa criaturinha fraca, que mal consegue cruzar um século com vida, medrosa, oscilante, cheia de traumas e complexos, vazios e frustrações, consegue ser também vaidosa, prepotente, orgulhosa e perturbada. E por isso Deus precisa ser extirpado de sua vida prática, acadêmica, intelectual e racional, porque é ele - Deus - quem sempre nos lembra das nossas limitações e incapacidades. Quando os homens criam sistemas ou ideologias que vendem a ideia de que não precisamos de Deus para nada, a noção de céu, porvir ou salvação é implodida, e com ela todo o alicerce ético e moral que possa existir. Os homens tomam o lugar e Deus ou, na verdade, dos “deuses”, e passam a adorar-se mutuamente, mantendo uma espécie de “hierarquia divina” baseada em conhecimento humano, um tipo de “Olimpo tecnocrata” formado por “diplomatólatras” ou “certificadólatras” que fariam um gênio de verdade como Newton dar risadas. Logo ele, que passou os últimos anos de sua vida estudando as Escrituras. Aliás, recomendo sua leitura do Livro de Apocalipse. Newton não era teólogo, não tinha formação teológica, nem diploma de teologia, mas no tempo dele o que valia era o resultado final da produção intelectual, o corpo do texto, o centro do pensamento. Hoje eu não posso reclamar da voz de Pablo Vittar porque não cursei faculdade de música. Pobre Newton, seus escritos teológicos seriam ridicularizados nos dias atuais pelos iluminados do século XX/XXI.

Concluo. Observem que tipo de sociedades pariram Marx e Comte. Observem os perfis de seus líderes, entusiastas e defensores. Não será difícil encontrar o padrão. No final absolutamente todos se resumem àquele pombo fazendo vocês sabem o que, no tabuleiro de xadrez. Não há, em nenhum dos casos, absolutamente, uma melhora perceptível naquilo que é essencial, que é a natureza humana. Não questionem o porquê de insanidades como comunismo e progressismo estarem tomando conta do mundo. Ao invés disso procurem as origens dos pensamentos que alimentam suas ideias centrais, Vocês acham mesmo que a perseguição aos direitos elementares do homem, como vida e propriedade, nasceram após a Revolução Francesa? Que essa ideia diabólica de um Estado tutelar as nossas crianças ao arrepio da autoridade dos pais é de agora? Que ideologia de gênero é coisa de teoria crítica do século XX? É óbvio que não, mas a intelligentsia pós moderna finge não ver isso para não mexer com seus “queridinhos” de Atenas pra cá. É uma linha. Longa, extensa e ininterrupta, e que levará a humanidade ao caos, à barbárie e ao declínio absoluto, enquanto os homens estarão se agarrando em seus livros, bibliografias, diplomas,

Neto Curvina

certificados, láureas, canudos e toda a sua soberba intelectual que não servirá de nada na eternidade, quando deveriam estar orando.

Já dizia o homem mais sábio de todos os tempos: “Vaidade de vaidades, diz o pregador, vaidade de vaidades! Tudo é vaidade.” (Eclesiastes 1:2).



A doutrina de Sócrates, para os dias atuais.



Nesse texto, não tenho a pretensão de defender uma tese ou mesmo navegar por fatos históricos, embora eles estejam contidos.

A intenção é sempre promover reflexão para que de maneira própria o leitor construa sua própria ideia.

Sócrates, filósofo grego do século V a/C, trouxe grande contribuição ao pensamento ocidental, entre as contribuições Sócrates, propôs o método de indução para o esclarecimento e consolidação das ideias que são próprias do ser humano, enquanto o método de dedução era usado pelos sofistas da época e consistia em partir das coisas grandes para as pequenas enquanto o indutivo, que Sócrates, entregava tratava das pequenas coisas para, por fim, chegar às grandes.

Embora pareça óbvio, o método indutivo é ideal para promover conhecimento, já que ninguém chega a uma grande coisa sem que antes passe pelo estágio de ser pequena.

Edson Araujo

Por exemplo, não há árvore que não tenha sido uma semente, não há adulto que não tenha sido criança, não há profissional de nível superior sem que antes tenha passado pelo nível fundamental.

Assim Sócrates em seus diálogos obtinha total sucesso na construção do conhecimento.

Ainda em seu método, exigia uma segunda coisa fundamental, que era a definição, pois não se chega a qualquer lugar ou ideia que não esteja antes bem definida, ou seja, não à aparência e sim a essência das coisas, caso contrário ficaremos no campo das opiniões vulgares sendo massa de manobra.

Os passos da doutrina socrática consiste em 3 etapas, são elas:

Exortação, refutação e maiêutica.

Veremos em que cada uma delas consiste.

Exortação, é o exame de consciência, pois sem isso nem se quer sairemos do lugar, precisamos ter plena consciência do que somos e onde estamos (na história humana).

Refutação é a destruição do que é falso na ideia que se apresenta.

Maiêutica, é o nascimento do conhecimento.

Na exortação temos a análise sincera de si mesmo e como resultado enxergamos nossa ignorância, e quando isso acontece refinamos nossas decisões por que temos consciência da nossa ignorância, buscando aprimorar nossos conhecimentos.

Na refutação, temos a exclusão do que é errado ou não faz sentido, por exemplo, querer alcançar um estado sem que haja estrutura para isso; seria o mesmo que tratar de política sem se quer saber qual é o real conceito, então tira-se o que não é política e ficamos apenas com o que precisamos para fazer nascer o conhecimento; é quando retiramos o que não faz parte dos ingredientes de algum processo, pois se o colocamos na receita, não teremos o objeto.

Na maiêutica, temos o nascimento do conhecimento, mas de uma maneira tão consolidada que não agiremos de outra maneira quando a situação nos chamar à responsabilidade.

Lembrando que o que nos interessa nesse momento é o método da indução, pois é nele que está o processo da formação das ideias saudáveis enquanto na dedução temos a defesa de teses, não importando se são boas ou não, o que importa é defendê-las com o melhor argumento possível.

Temos visto na direção da humanidade uma atuação nas pequenas coisas ou as discussões estão sempre em grandes temas, porém nunca focando nas causas e sim nos efeitos?

Edson Araujo

Por onde começamos uma casa?

Como começamos uma família?

Como construímos uma cidade?

Tudo começa nas pequenas ideias, sem as quais é impossível chegar nos grandes feitos.

Podemos melhorar qualquer área de atuação humana se melhorarmos o ser humano.

Não é o sistema educacional que está com problemas, mas os seres humanos que o compõem, não é uma empresa que tem problemas, mas os seres humanos que a dirigem.

Se uma fonte estiver contaminada não adiantará despoluir o rio.

Imaginemos que um suposto grupo de pessoas quisesse corromper uma sociedade, por onde começariam?

Por que os Sofistas na época em que Sócrates atuava preferiam os jovens?

Se hoje estivesse com um problema em meu fígado eu o tiraria ou curaria?

Sou tão honesto quanto gostaria que os outros fossem?

Sei o suficiente sobre política para que possa cobrar uma boa atuação de um determinado político ou de um grupo político?

Se soubermos responder estas perguntas de maneira indutiva teremos direção e sentido corretos para um destino melhor, nós, nossos queridos, nosso país e por fim o mundo.

Que Deus abençoe nossa jornada!

**Revista
Conhecimento
& Cidadania**

**Seja
patrocinador**

Faça a diferença!

**Nos ajude a manter a
plataforma da revista
digital e continuarmos
com este trabalho.**

Preencha o
cadastro e
enviaremos a
revista para
seu e-mail.

**Doe qualquer quantia!
PIX 28.814.886/0001-26**

Seguidores de Robin Hood



“Por ocasião da festa era costume do governador soltar um prisioneiro escolhido pela multidão. Eles tinham, naquela ocasião, um prisioneiro muito conhecido, chamado Barrabás. Pilatos perguntou à multidão que ali se havia reunido: ‘Qual destes vocês querem que solte: Barrabás ou Jesus, chamado Cristo?’ Porque sabia que o haviam entregado por inveja. Estando Pilatos sentado no tribunal, sua mulher lhe enviou esta mensagem: ‘Não se envolva com este inocente, porque hoje, em sonho, sofri muito por causa dele’. Mas os chefes dos sacerdotes e os líderes religiosos convenceram a multidão a que pedisse Barrabás e mandasse executar Jesus. Então, perguntou o governador: ‘Qual dos dois vocês querem que eu solte?’ Responderam eles: ‘Barrabás!’” (Mt 27, 15-21).

Vamos debruçar diante da passagem bíblica acima. Quem era Barrabás? No Evangelho de MT 15,6-7 diz o seguinte:

“Ora, por ocasião da festa, fazia parte da tradição libertar um prisioneiro por aclamação popular. Um homem conhecido por Barrabás estava na prisão junto a rebeldes que haviam cometido assassinato durante uma rebelião.”

Então, Barrabás não era um preso qualquer mas um rebelde político e assassino. Talvez possamos até atribuir-lhe o adjetivo de terrorista. Alguns estudos atribuem que Barrabás possa ter sido integrante dos Zelotes (partido judaico nacionalista), onde se defendia a libertação do povo judeu das mãos dos estrangeiros, isto é, do Império Romano. Por essa linha de raciocínio, podemos concluir que

Juliette Oliveira

possivelmente ele pertencia a um grupo golpista que realizou um ataque a soldados do império que resultou na morte de um dos soldados.

Analisando o Evangelista Marcos, em Mc 15, 7; dá a entender que o ocorrido teve grande repercussão na época. E São Mateus (Mt 27, 15) mostra que Barrabás era uma figura bastante conhecida e talvez com uma possível fama entre o povo, alguém que seus delitos fossem justificáveis pelo bem do povo e em nome da liberdade. Independente desse lado filosófico, ainda assim era um perturbador da ordem pública e assassino.

Na altura desse texto, o caro leitor deve estar pensando... “já sei aonde esse texto quer chegar” ou ainda “parece que depois de tantos anos o povo ainda continua escolhendo os bandidos”. Bem, o objetivo da reflexão desse texto não é tão óbvio assim... Gastar tantas linhas para repetir discurso de papagaio seria uma verdadeira perda de tempo.

Vamos continuar e dessa vez, vamos avançar para a América Latina. Enquanto, muitos países investiram na luta contra o militarismo de direita, existiu um país em particular que escreveu uma história um pouco diferente. Estamos na Venezuela, durante a época da Guerra Fria. Marcos Evangelista Pérez Jiménez foi convidado a se retirar, em 1958, após tentar um golpe através de um plebiscito, como consequência, surgiu o Pacto de Punto Fijo. Esse pacto ocasionou o aumento do poder do Estado e o aumento dos gastos públicos.

Com tudo isso, alguns grupos de esquerda começaram a se infiltrar dentro das forças armadas. O grupo terrorista Forças Armadas de Libertação Nacional (FALN), ingressou no militarismo e formou o grupo que se intitulava “Terceiro Caminho”. Um dos nomes de destaque neste grupo seria o de Adán Chávez, irmão mais velho de um famoso nome venezuelano.

No ano de 1986, surge o Movimento Bolivariano Revolucionário 200 (MBR-200) pelo, então, Tenente Hugo Chávez. Em 1989, começam as manifestações violentas nas ruas lideradas por Hugo Chávez que acaba preso após o fracasso do golpe. Pronto. Nasce a figura do herói do povo venezuelano, preso “injustamente na tentativa de libertar o povo”.

Paralelamente surge em 1990 o Foro de São Paulo, criado por Fidel Castro e Lula. Certamente não por mera coincidência, os envolvidos neste movimento subiriam ao poder anos seguintes após mudança drástica no discurso, modo de falar e vestir.

Assim, com o discurso ganhador de Oscar que pregava contra a “elite governante corrupta falha”, Hugo Chávez conquista a presidência da República venezuelana. Fez várias reformas e com apoio popular mudou a Constituição do país. Autoridades militares incomodadas com as mudanças radicais tentaram destituir o presidente, porém sem êxito. Com milhares de apoiadores continuou no poder e radicalizou

Juliette Oliveira

suas ações: exilou opositores, fechou a principal emissora do país, reformou a estatal petrolífera, despediu inúmeros trabalhadores em greve e reformou a Suprema Corte.

Avancemos um pouco, mesmo com a crescente crise econômica em que a Venezuela mergulhou com apoio bolivariano e o aumento da insatisfação popular o mal já estava instaurado e o caos era seu aliado. Em 2013, Hugo Chávez morre e deixa seu discípulo: Nicolas Maduro. Com tantas revoltas e perseguições, a população começou a se refugiar em países vizinhos, como o Brasil.

Vamos saltar agora para o tal país vizinho, o Brasil. Chegamos em 2023. Eleições não se ganham, mas se tomam. Mas paremos para uma reflexão... Longe de nós questionarmos a legitimidade das eleições. Não é esse intuito desse texto. Não é mesmo. O que há de tão semelhante entre Barrabás, Hugo Chávez e o Brasil?

Qual a relação entre a Sagrada Escritura e a América Latina? Repare bem... Não se trata do povo preferir ex-presidiários. Se trata do povo se identificar com “os injustiçados”. O discurso socialista de Robin Hood é sedutor. Tirar dos ricos e dar aos pobres. Não importam os meios, para eles importa o fim.

Mudar essa atração que a população tem pelo herói do povo, preso, injustiçado... É mudar uma estrutura já enraizada no inconsciente das pessoas. É ensinar desde a educação básica que a divisão justa anda lado a lado com o esforço.

O cristianismo nos ensina a importância de se preocupar com o próximo, do valor da caridade e da empatia. Infelizmente, parece que pegaram os ideais do cristianismo e deturpam a mensagem para desconstruir a imagem do Cristo e transformá-lo em um revoltado Barrabás.

Precisamos ser vigilantes. Que Jesus estamos seguindo? Jesus Nazareno ou Jesus Barrabás? Queremos um herói que nos salve das mazelas terrenas ou que nos prepare para a vida eterna? Será que os líderes continuam a convencer a multidão a pedir Barrabás e mandar executar Jesus? Fiquemos hoje com essa reflexão.

Valor e virtude

Valor e Virtude

— @erikarfig —

O fato de as pessoas sentirem-se especiais, únicas e exclusivas, hoje em dia, mesmo que não possuam qualquer habilidade ou talento diferenciado, vocação para coisa alguma ou valores morais elevados, é algo que me choca constantemente.

O simples fato de existir, dá a todo e qualquer ser humano da face da Terra – que seja guiado pelo coach da moda ou por influencers de plantão – a possibilidade de “ser o que quiser”. Certo? Totalmente

Erika Figueiredo

ERRADO. E a prova disso é a mediocridade que impera, a falta de perspectivas e propósitos de vida, o viver cada dia como se fosse o último, sem que se dê qualquer sentido a essa existência.

A consequência desse sonho hedonista e desprovido de senso de realidade é a depressão. O vazio de uma vida sem porquê vai cobrar a conta, em algum momento, e o indivíduo perceberá que é uma fraude. Não possui nenhuma característica especial, qualquer superpoder, talento ou vocação, e segue pela vida sem saber bem para onde quer ir.

Todos nós possuímos uma missão, um objetivo na vida, que é a evolução moral e pessoal. Esse era um entendimento intrínseco a todas as gerações, ao longo dos séculos, que infelizmente foi se perdendo, desde a segunda metade do século XX.

Valores e virtudes são características constitutivas de nossa personalidade, dessa sendo indissociáveis, mas o homem moderno simplesmente não dá mais bola para isso. Um valor moral e uma virtude não se perdem na dificuldade. Não são negociáveis. Não perecem com o tempo.

Caso você deseje fazer um teste, para compreender o que é um valor, basta que se pergunte se a característica que está sob análise é impactada pela passagem do tempo, podendo desaparecer ou mesmo alterar-se, devido às circunstâncias.

Portanto, um corpo torneado, fama, fortuna, poder, não te tornam automaticamente uma pessoa virtuosa – muito embora a nossa sociedade acredite que sim. Porque estes são atributos perecíveis, pela passagem do tempo, por circunstâncias da vida, por mudança da situação fática, o que os torna absolutamente vulneráveis e frágeis, ante a realidade da vida. Para adquiri-los, você não precisa exercitar as virtudes, o que torna tais atributos acessíveis a qualquer pessoa, ainda que sem caráter ou inescrupulosa.

A aquisição de um valor ou de uma virtude, ou o seu aprimoramento, estão intrinsecamente ligados a um movimento pessoal, a um esforço genuíno, a um exercício diário de cada um de nós. Ser virtuoso dá muito trabalho!

E é pela narrativa que vem sendo construída na sociedade, de que você pode ostentar atributos e conquistar seu espaço, sem fazer muito esforço, que o corpo, a fama e a fortuna conquistaram um lugar de honra, na modernidade. Porque para conquistá-los, não é necessária uma reforma íntima.

É muito mais fácil ser rico do que ser corajoso. Ser famoso do que ser honesto. Ser poderoso do que ser amoroso. Virtudes, para serem conquistadas e aprimoradas, exigem de nós muita abnegação, imenso esforço pessoal, disciplina e propósitos elevados. E a Civilização vive uma crise moral sem precedentes, o que torna tudo isso muito mais árduo de ser obtido.

Erika Figueiredo

Enquanto o futuro da Humanidade era incerto, recheado de desafios, guerras, fome, miséria e morte, as pessoas precisavam desenvolver valores, virtudes, habilidades e motivações, para permanecerem vivas e buscarem um sentido para tanto sofrimento.

Tempos prósperos e fáceis geraram pessoas acomodadas, fracas, sem determinação e, sobretudo, desprovidas de valores pessoais sólidos. Hoje, compra-se felicidade ali na esquina, vendida no invólucro dos prazeres e da diversão. Tudo está ao alcance de um clique na internet. Por que esforçar-se?

Porque a vida, desprovida de algo maior que nos norteie, perde sua razão de ser. Por isso, vemos tantas pessoas anestesiadas, deprimidas, com olhar vazio e com medo de tudo. Gente como eu e você, que não sabe o que veio fazer no mundo, e que conta os dias sem grandes expectativas.

Pra você descobrir o que veio fazer aqui e o que espera do seu futuro, você vai precisar encontrar a sua essência primeiro. Quem você é? Quais são os seus valores inegociáveis? Quem, dos que estão ao seu lado, é verdadeiro? Seus relacionamentos baseiam-se no sentimento que você nutre pelos outros, ou na utilidade que as pessoas têm para você? Se você morresse amanhã, qual seria o seu legado, o que diriam de você, em seu obituário?

Nenhuma destas questões é de fácil resposta, mas todas elas encerram os pilares principais de nossas vidas: saber o que estamos fazendo aqui, quais são os nossos objetivos e propósitos, e, sobretudo, quem queremos por perto, nessa jornada. As companhias são primordiais, na formação de nosso comportamento e no aprimoramento das nossas virtudes.

Buscar virtude, em um mundo tão contaminado por pessoas frívolas, relativização do certo e do errado, coisas impermanentes e comportamentos duvidosos é muito complicado. Entretanto, o outro lado dessa moeda é uma vida vazia e a imbecilização completa e constante.

Enquanto o comportamento coletivo nos sinaliza algo totalmente desprovido de bom senso, precisamos ir além, mergulhar fundo em nós mesmos, daí emergindo com as respostas adequadas, para os nossos questionamentos. Tudo vem de dentro. Vale a pena tentar e encontrar o que está por baixo dessa superfície social, que todos nós ostentamos. A verdade é uma só. Ela existe e espera por você. Boa jornada!

Mauricio Motta

O reino de Bradzorden e a princesa Demokratia

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, negócios, eventos e incidentes são produtos da imaginação do autor. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, ou eventos reais é mera coincidência.

Capítulo II

Vândalos e visigodos invadem a capital



No episódio anterior, o bruxo Iotha fitava a turba de camponeses dispostos ao redor das muralhas do palácio. Seus olhos vermelhos ardiavam em ira contra aqueles que, em seu pensamento, eram apenas instrumentos geradores de energia para manter a magia de Bradzorden, mas que agora estavam perigosamente se negando a fornecê-la. Aos seus olhos pareciam cordeiros, pacíficos, pacatos, ordeiros. Como eliminá-los sem parecer um sacrifício em holocausto aos deuses? Era necessário alterar aquele cenário, mas para tanto os astros deveriam estar em seu alinhamento mágico, era necessário aguardar. Assim, no oitavo dia dedicado ao deus Janus, quando a lua se encontrava em seu plenilúnio, a voz de Iotha soou como um trovão.

– Se são cordeiros, que pareçam lobos famintos!

Mauricio Motta

Sob a vibração de suas palavras, entre os ingênuos camponeses, sugeriram grupos vestidos à moda camponesa, e que iniciaram uma marcha em direção ao palácio. Tal movimento animou até os corações mais pacíficos, então, como um rebanho seguiram àqueles seres mágicos. Ao mesmo tempo, com a força de sua mente maquiavélica, Iotha ordenou a Alex Morus que permitisse que a turba tivesse acesso à ponte levadiça do palácio. Para isso, os guardas da ponte, encantados pela balança mágica de Alex permitiram a entrada dos invasores enquanto um dos lacaios mais fiéis de Alex Morus, chamado Flatus Denário, dispersou o restante da guarda, franqueando as pesadas portas de acesso e, permitindo que a multidão violasse as defesas, profanando o palácio de Bradzorden.

Era o cenário desejado por Iotha, agora os gentis cordeiros pareciam lobos ferozes. Era o momento de agir. Subitamente os guardas do palácio retomando as próprias consciências e suas posições de defesa, conduziram sob vara os invasores ao calabouço, enquanto os seres mágicos esvaneciam no ar deixando todos aturdidos.

O calabouço não foi suficiente para tantos camponeses, o amplo pátio interno foi transformado em masmorra e ali havia choro e ranger de dentes. Muitos oravam, outros choravam, todos clamavam por justiça.

Bradzorden caíra de vez. Seus três cavaleiros, assim como seus instrumentos mágicos, serviam a um senhor oculto nas sombras. Os camponeses que permaneciam em seus burgos, souberam da queda de seu reino, reagindo com terror e desolação. Por outro lado, nas colinas de Bradzorden, os camponeses encantados riam e se deleitavam do sucesso de seu mestre, antecipando o gozo das benesses e banquetes em que se deleitariam. Todas as forças de defesa de Bradzorden, como que sob encantamento atendiam a forças ocultas.

Certo é que, intramuros, alguns poucos nobres ainda alteavam suas vozes denunciando o escândalo, mas também eles, de algum modo acabavam sendo calados, banidos ou encarcerados.

Diante dos acontecimentos, a princesa Demokratia acabou caindo gravemente adoecida. Os antigos médicos do reino vaticinavam e repetiam as receitas encontradas nos antiquíssimos escritos do eremita Olaph: *“quando a princesa Demokratia adoecer gravemente, somente pela revolução dos astros e pela conjuração de violentas forças mágicas, é que será possível restitui-la à saúde”*. Segundo a interpretação daqueles escritos, de nada adiantaria usar os instrumentos mágicos dos cavaleiros, posto que todos se encontravam maculados pelas forças terríveis do poderoso bruxo Iotha. Somente pelas forças luminosas dos astros Demokratia recuperaria a força e o vigor de outros tempos..

Conforme o tempo passava, a violência se espalhava pelas terras do reino de Bradzorden. Nos campos, os produtores eram atacados por invasores. Nas veredas, salteadores desviavam carroças vindas dos mais distantes vilarejos. Alguns artesãos fugiam para reinos vizinhos ou fechavam as portas de suas

Mauricio Motta

oficinas de trabalho. Caravanas vindas de terras distantes evitavam as rotas que se dirigiam a Bradzorden. Os guardas do palácio, visitavam inopinadamente algumas casas, em busca de indícios ou provas de conspiração, contra o que chamavam de “refazimento da unidade de Bradzorden”. Temor, desconfiança e denúncias de irmãos contra irmãos, faziam parte da rotina daquele reino que empobrecia e morria pouco a pouco.

Insano, Lucius Lúpus se embebedava em sua volúpia, possuindo de modo doentio a princesa Demokratia. Alex Morus, como uma marionete, movia no ar sua balança mágica, pervertida em vara de condão, invertendo a ordem vigente, decidindo o que era certo ou errado, bom ou mau, proibido ou permitido. Morus, sob o império de Iotha, fantasiava em si a sabedoria da princesa Demokratia. Naquele reino mágico a ordem natural das coisas se invertera. Os rios corriam dos mares em direção às montanhas. Gotas de água brotavam da terra e se dirigiam ao ar, tornando-se nuvens, tudo conspirava para que as terras secassem e nos campos nada brotasse.

De nada adiantava “*conhecer os desejos da terra, cio da terra, a propícia estação*”, pois esta nunca chegava. Não era mais possível “*forjar no trigo o milagre do pão, e se fartar de pão*”. Posto que a fome se tornara companheira do povo infeliz, que seguia tomado de tristeza, lastimando por sua princesa moribunda.

Como dito antes, em toda estória de princesas e cavaleiros, reviravoltas acontecem...

O rumor dos tambores da guerra se fez ouvir no horizonte. Reinos distantes se lançavam em guerras fratricidas. Se as lanças inimigas não alcançavam Bradzorden, o odor da morte invadia cada viela e o fim de toda a esperança parecia próximo. Agora, a dor não era mais estrangeira, mas companheira desde aquelas terras distantes até o reino e seu palácio.

“*A princesa Demokratia sucumbiu. Está morta! O destino de Bradzorden está selado!*” Com estas palavras, homens e mulheres andavam pelas vielas rasgando suas vestes e jogando pó sobre suas cabeças. Do ponto de vista daqueles viventes, não havia mais esperança. Do ponto de vista dos homens da Terra, não havia mais futuro.

Diante dos fatos narrados, entre aqueles cordeiros que ocuparam as praças e ruas próximas ao palácio, e mesmo entre os despertos que outrora conseguiam *ver o que não podia ser visto, e ouvir o que não podia ser ouvido*, o que mais se repetia era a cantilena tristemente entoada... Esperança onde estás? Para estes, os mais fiéis rememoravam um antigo literato Bradzordeniano, “*há pessoas que choram por saber que as rosas têm espinho. Há outras que sorriem por saber que os espinhos têm rosas!*”

Um dia, as espessas nuvens que cobriam Bradzorden foram rasgadas por ventos violentos. Um poderoso facho de luz inundou a Terra deste o oriente até o ocidente e dos píncaros do céu surgiu O Rei. E neste momento todas aquelas personagens eram apenas lembranças do passado: Lucius, Lairus, Roger,

Mauricio Motta

Alex, Iotha, Olaph e Flatus nada mais eram. A única verdade diante dos povos foi exibida, e todos os fatos narrados, desde a conspiração perpetrada por Lucius e Ioyha, passando pelas desventuras do gentil povo de Bradzorden, chegando à carnificina fraticida das guerras, todos foram tragados no torvelinho do tempo e se apresentavam apenas como caminhos de sabedoria, para conduzir os povos a um só destino. E Demokratia não foi salva, uma vez que Demokratia não era uma princesa, era um povo. Um só povo, unido e participativo.

Para você, vivente do passado, que lê este nosso relato, saiba que para resistir ao fim de Bradzorden, à passagem de todas as coisas, será necessário ter fé. Nós que agora podemos contar a vocês esta estória, também podemos dizer uns aos outros, *“combati o bom combate, terminei a corrida, guardei a fé. Agora me está reservada a coroa da justiça, que o Senhor, justo Juiz, me dará naquele dia; e não somente a mim, mas também a todos os que amam a sua vinda”*.

Bradzorden era demasiadamente pequeno para comportar os sonhos de nosso Rei. Demokratia era sábia, mas não continha em si a Justiça que Ele nos prometera. Quanto a nós, homens e mulheres sobreviventes de seus tempos, somos apenas pequenos grãos diante da infinitude D’aquele que diz *Eu Sou!*

Confie e resista...

“Mas quem perseverar até o fim, esse será salvo”.

Caderno ABRAJUC



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA
DE JURISTAS CONSERVADORES

A Associação Brasileira de Juristas Conservadores – ABRAJUC, é uma entidade apartidária, que congrega profissionais de diversas áreas do Direito, em todo território nacional, tendo sido criada com o objetivo de estudar e difundir os valores do conservadorismo. Como tal, defende as instituições consolidadas, tanto as públicas, quanto as referentes à família e valores morais do povo brasileiro.

A certidão de nascimento da ABRAJUC



No último dia 03/06 participamos do II Fórum Jurídico da ABRAJUC – Associação Brasileira de Juristas Conservadores, no Clube da Aeronáutica, no Rio de Janeiro, oportunidade que participamos como membro convidado e também com objetivo de tomar posse como Diretor Executivo para o Estado do Rio Grande do Sul.

A ABRAJUC tem por objeto a defesa e a difusão dos valores conservadores, bem como forma uma instituição de âmbito federal, com representatividade formal em cada Estado da Federação, possuindo organização, legitimidade e tendo como um de seus objetos a sua habilitação para participação de debates em audiências públicas para a defesa dos valores conservadores ou que afetem estes mesmos valores, assim como poder habilitar-se como *amicus curiae* em processos em julgamento perante do Supremo Tribunal Federal que, de alguma forma, o resultado do julgamento interesse à defesa e preservação dos valores conservadores.

A ABRAJUC nasceu de um episódio triste e que, infelizmente, é rotina nas Instituições de Ensino Superiores brasileiras, que é o preconceito e o ataque a indivíduos defensores do conservadorismo e que se identifiquem com o espectro político da Direita. João Daniel Silva, um jovem estudante de Direito da Universidade Federal Fluminense – UFF – foi expulso de um grupo de pesquisa por ser de Direita.

Felizmente, quando a maior parte dos alunos tanto das instituições de ensino superior como das Escolas Federais que enfrentam o mesmo problema simplesmente se calam, João Daniel não se deixou intimidar e a partir de sua expulsão do grupo de pesquisa, criou seu próprio grupo de pesquisa e a partir deste novo grupo nasceu o embrião que originou a ABRAJUC.

Rony Pilar Cavalli

João Daniel Silva, em seus tenros 24 anos e estudante do 4º período do curso de Direito é fundador e hoje Presidente da ABRAJUC e que no último dia 03/06 promoveu o seu II Fórum Jurídico da ABRAJUC.

O II Fórum da ABRAJUC contou com painelistas de expressão nacional como o Ministro Ives Gandra Filho, o Senador por Santa Catarina Jorge Seif, General e Deputado Federal Eduardo Pazuelo, Doutor Mauro Rosa, Professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro, além da queridíssima atriz Regina Duarte, assim como manifestações virtuais de personalidades como a Juíza do TJMG Doutora Ludmila Lins Grilo, ex-ministro de Relações Exteriores Dr. Ernesto Araújo, entre outras personalidades de destaque no universo jurídico brasileiro.

Neste II Fórum da ABRAJUC foram debatidos temas de atual relevância, como Globalismo, Ativismo Judicial, Ideologia na Segurança Pública, entre outros.

Além do fortalecimento do Fórum Nacional da ABRAJUC, os Diretores Executivos regionais terão a missão de congregar regionalmente juristas conservadores e formar diretorias regionais, além de organizar fóruns jurídicos regionais.

O Brasil, dos 210 milhões de habitantes 180 milhões são cristãos e conservadores, sendo, portanto, a maioria esmagadora da população e com esta força temos o dever de não se deixar vencer por pautas progressistas da moda e que contam com apoio de uma minoria barulhenta.

Tenho certeza que existem muitos jovens como João Daniel em nossa sociedade e que, como ele vão levantar bandeira pela volta de um Brasil pautado por Ordem e Progresso.



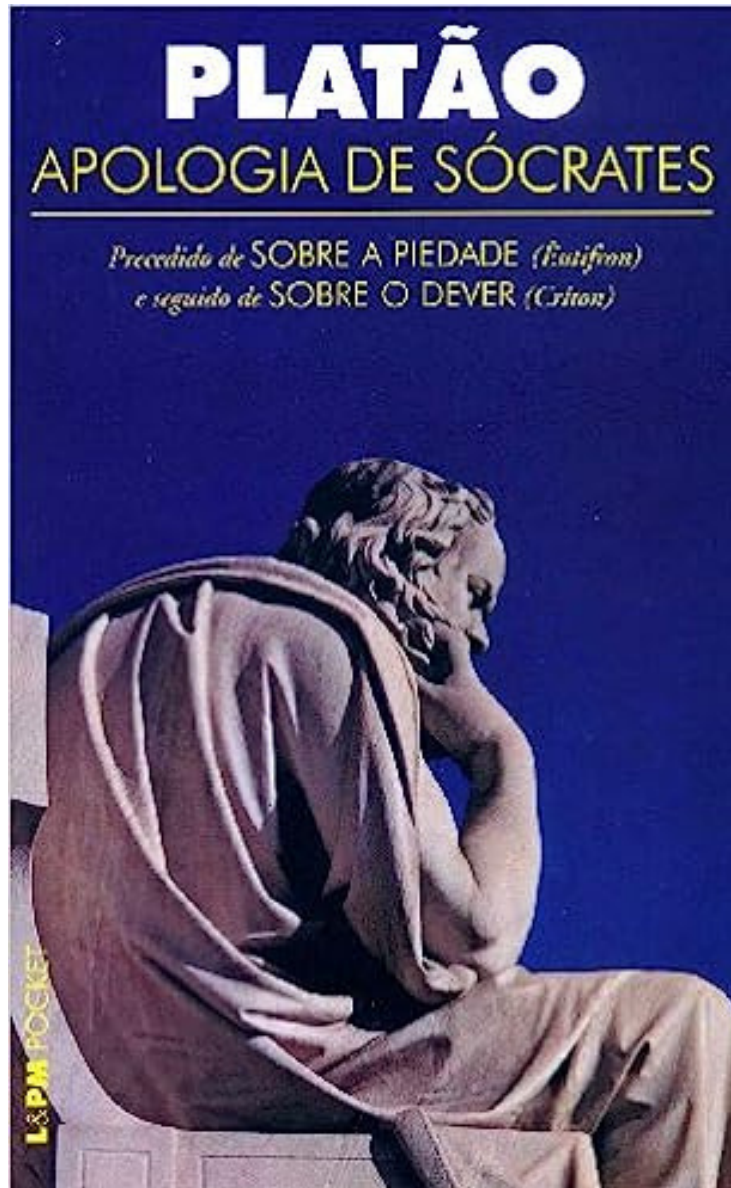
Caderno Variedades



Neste caderno encontrarão sugestões culturais. Dicas de filmes, livros, poemas, música.

Edição realizada por Edson Araujo

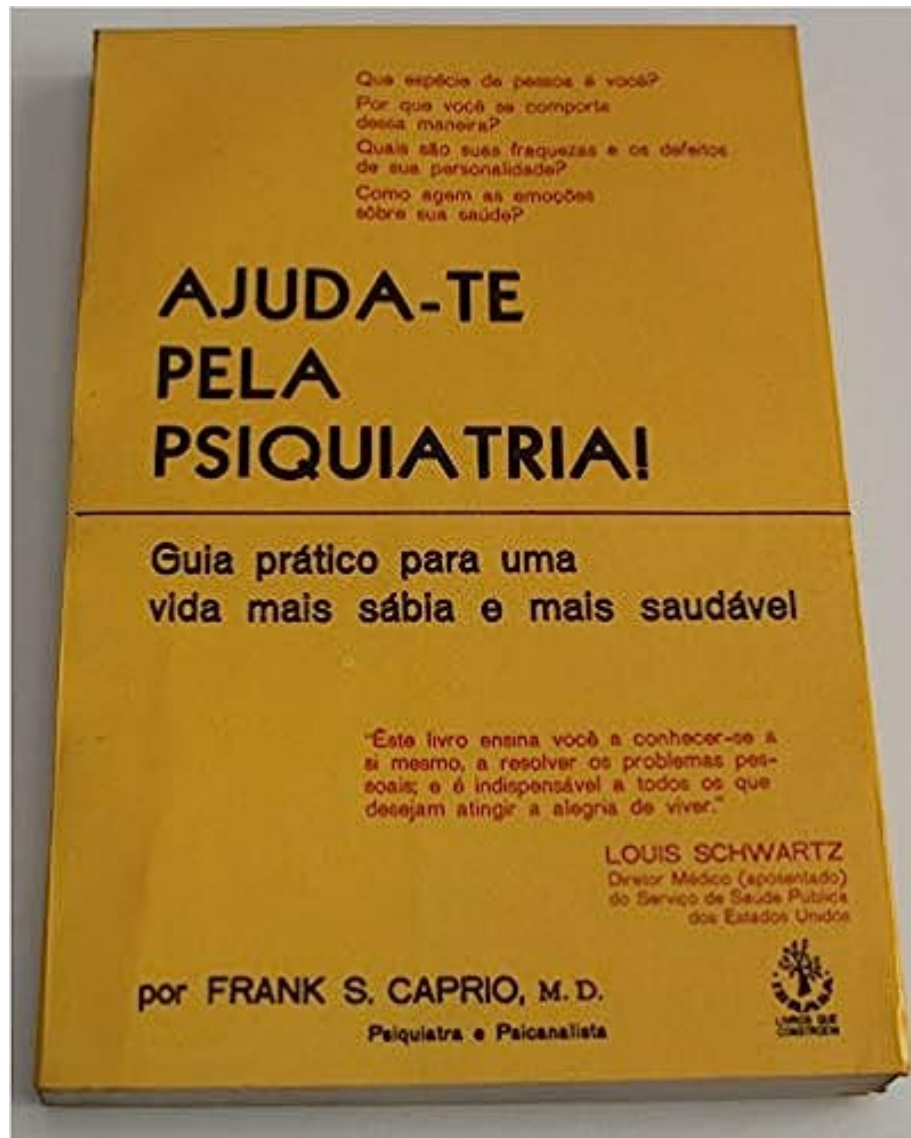
Dica de Livro



O julgamento de Sócrates (469-399 a.C.) foi um dos fatos históricos mais importantes da Grécia Antiga e até hoje inspira escritores, artistas e filósofos. Em 399 a.C., Atenas estava se recompondo após a derrota para Esparta na Guerra do Peloponeso, tentando consolidar o ainda frágil regime democrático. O posicionamento crítico de Sócrates pareceu uma afronta aos costumes da cidade e ele foi incriminado, julgado e condenado à morte por envenenamento sob as acusações de não cultuar os deuses da cidade, tentar introduzir novas divindades e corromper a juventude com suas ideias. As acusações não intimidaram o pensador, que decidiu conduzir a própria defesa, dando origem aos textos aqui reunidos, Êutifron, Apologia de Sócrates e Crítion. São obras que partem da discussão filosófica, mas assumem ramificações religiosas, políticas e éticas, mostrando por que Sócrates passou para a História como fundador da tradição filosófica ocidental. Quem nos apresenta Sócrates é Platão (427-347 a.C.), um dos seus mais dedicados discípulos, que revela o mestre à sua maneira, retratando o cidadão que os atenienses encontravam pelas ruas – um homem íntegro e coerente, cuja missão de vida era a busca do conhecimento e de sua aplicação. Ao mesmo tempo que preserva o legado do sábio, Platão apresenta as linhas gerais do seu próprio pensamento sobre teologia, ética, teoria política, bem como sua visão sobre a vida após a morte e o dualismo corpo/alma.

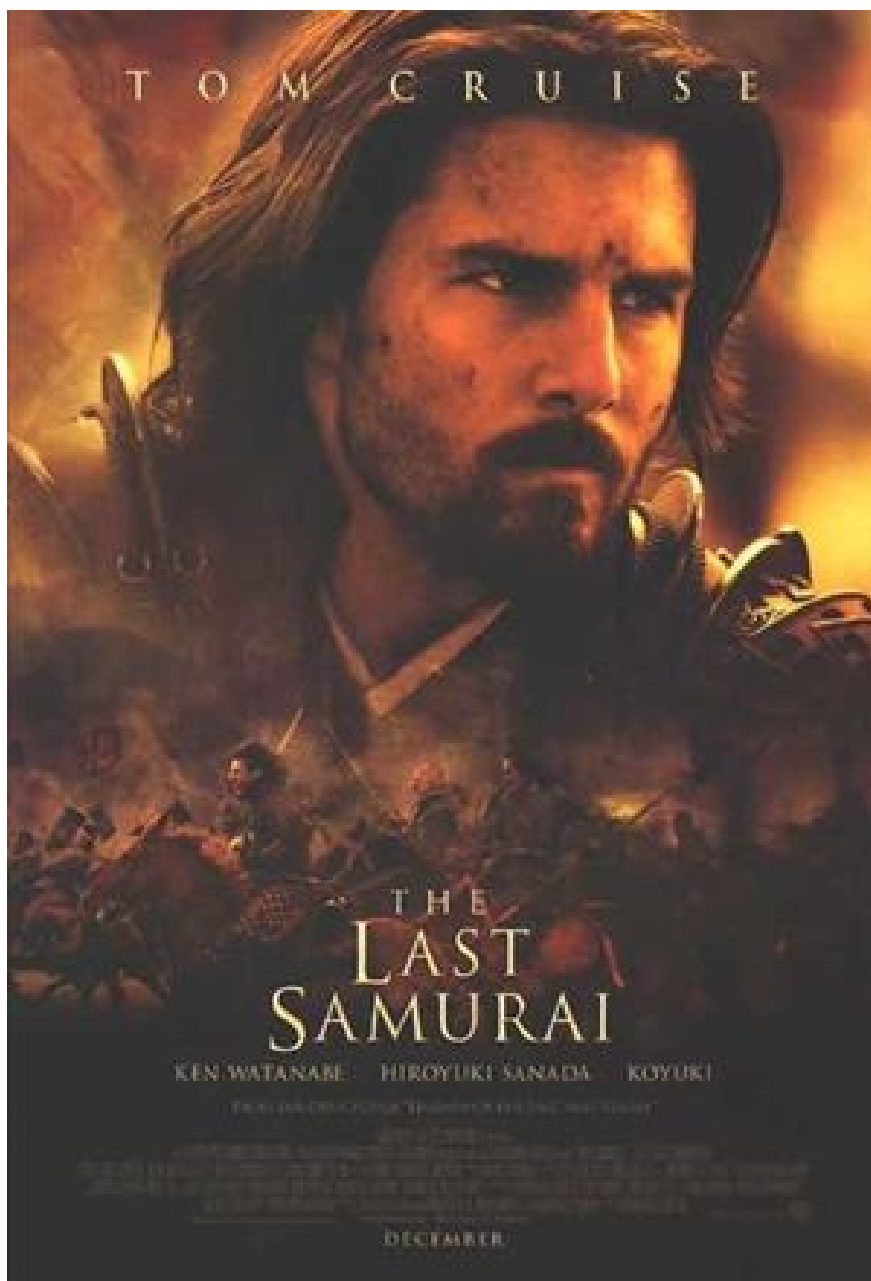
Adquire o seu exemplar, [clique aqui](#)

Dica de Livro



Adquire o seu exemplar, [clique aqui](#)

Dica de Filme



Em 1870 é enviado ao Japão o capitão Nathan Algren (Tom Cruise), um conceituado militar norte-americano. A missão de Algren é treinar as tropas do imperador Meiji (Shichinosuke Nakamura), para que elas possam eliminar os últimos samurais que ainda vivem na região. Porém, após ser capturado pelo inimigo, Algren aprende com Katsumoto (Ken Watanabe) o código de honra dos samurais e passa a ficar em dúvida sobre que lado apoiar.



Dica de Música

PRA CIMA BRASIL - João Alexandre

ESSA MUSICA FALA DO MOMENTO EM QUE ESTAMOS VIVENDO . BRASIL OLHA PRA CIMA , O NOSSO FUTURO DEPENDE DE DEUS , EU SOU BRASILEIRO TENHO ORGULHO DE SER .

[Clique aqui](#) e ouça

Dica de Música

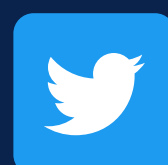
Clair de Lune



Clair de lune é o terceiro movimento da Suite bergamasque, sendo composta em 1905 por Claude Debussy, tornando-se um dos maiores ícones da música erudita de todos os tempos.

[Clique aqui](#) e ouça

Siga-nos
nas
**REDES
SOCIAIS**



@revistaconhecimentocidadania



Visite:

<https://www.direitonasescolas.com/livraria>

**Livraria
Curso Menezes Costa**

REVISTA ISSN 2764-3867
**CONHECIMENTO &
CIDADANIA**
VOL. 1 | 2ª EDIÇÃO ESPECIAL - DEZEMBRO 2022

**E-book
2ª edição especial**

REVISTA ISSN 2764-3867
**CONHECIMENTO &
CIDADANIA**
VOL. 1 | 1ª EDIÇÃO ESPECIAL - MAIO 2022

Edição especial

Direito nas Escolas
Volume I
Noções de Direito Constitucional para alunos do Ensino Médio

Leandro dos Santos Costa (autor) e Marique Menezes Costa (autora)

Impacto do direito na prática jurídica

Para ajudar a continuarmos com este trabalho, doe qualquer quantia:

PIX: 28.814.886/0001-26

